



“O CASO DO ESTÁDIO”: o processo de modernização (e fracasso) do Campo da Graça nas crônicas de Roschild Moreira.

JOSÉ ELIOMAR FILHO¹

RESUMO

Analisando as crônicas de Roschild Moreira no jornal *A Tarde* durante o período de instalação da pedra fundamental do Estádio da Graça (julho de 1947) até o IV Centenário da cidade do Salvador (março de 1949), o artigo busca compreender o desenrolar do processo de tentativa de construção da obra, a partir de uma empolgação despertada até uma forte decepção causada. "O Caso do Estádio" representa a forma como o cronista se referia a todo o processo que o leitor ia acompanhando em suas crônicas, narrando sobre o sentimento emanado pelos apreciadores do futebol na cidade de desejo pela modernização do Campo da Graça, a partir das iniciativas feitas pelo presidente da Federação Baiana de Desportos Terrestres, Raimundo Corrêa, e pelo governador da Bahia, Octávio Mangabeira, para o soerguimento de um estádio que nunca se materializou. Pensando a crônica como uma escola literária que visa abordar o cotidiano, buscaremos entender o papel da crônica e do cronista ao analisar a sua funcionalidade para a compreensão da realidade em destaque, o tempo vivido. Nisso, a representação e o imaginário aparecem como formas de se investigar o papel das crônicas de Roschild Moreira e como ele conduziu os fatos apresentando ao público-leitor a sua interpretação referente ao demorado início de construção do Estádio. Moreira demonstra uma capacidade de captar acontecimentos a partir do seu movimento pelas ruas e pelos contatos que estabelecia com autoridades locais, produzindo e expondo as suas impressões dos fatos que chegavam ao seu conhecimento, produzindo a sua visão sobre todo o processo fracassado de erguer a obra no nobre bairro soteropolitano. Destacamos ao final, o quanto o trauma do “enigma baiano” influenciava em um sentimento de inferioridade que se refletia em uma necessidade de Salvador precisar ter símbolos que desconstruíssem essa imagem deturpada, e a modernização do Campo da Graça era uma dessas representações.

PALAVRAS-CHAVE

Crônicas – Roschild Moreira – Campo da Graça – Estádio da Bahia – Octávio Mangabeira

INTRODUÇÃO

“O tal episódio n. 36 do filme em serie em múltiplas sequencias intitulado “O Caso do Estádio”, será levado á cena, esta noite [...]”. Assim Roschild Moreira iniciava mais uma de suas crônicas (*Simão, o Cirineu*, *A Tarde*, 17 de setembro de 1948: 5.) que vinham narrando desde meados de 1947 o desenrolar dos fatos sobre o processo de construção de um estádio no nobre bairro da Graça em Salvador, que daria lugar a uma praça esportiva mais moderna em substituição ao Campo da Graça, construído no início do século XX, e que já não comportava o profissionalismo que o futebol brasileiro pedia naquele momento histórico.

Moreira criou uma expectativa junto ao público-leitor sobre uma história que vinha contando a mais de um ano, como se fosse uma novela em que a cada novo

¹ Especialista em História Econômica e Social do Brasil pela Faculdade São Bento da Bahia (FSBB). Professor da rede pública municipal de Camaçari-BA. Discente de História – Licenciatura pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I.

capítulo ia se desenrolando como lã de novelo, propiciando o surgimento de situações aonde iam se ampliando os toques de dramaticidade.

Desde sua crônica anterior à *Simão, o Cirineu (Mais um episódio do seriado...*, *A Tarde*, 15 de setembro de 1948: 5.), Roschild vinha tratando da questão da obra na Graça como uma situação que já se alongava de maneira demasiada e com um sentimento de que o final não seria o que se almejava: o povo feliz com a construção do Estádio.

Roschild Moreira conduziu por quase dois anos (De agosto de 1947 a março de 1949) em sua coluna no jornal *A Tarde* o desenrolar em série sobre a modernização da praça esportiva. O cronista vai da empolgação pelo fincar da pedra fundamental no 2 de julho de 1947, acreditando nos esforços do então presidente da Federação Baiana de Desportos Terrestres, Raimundo Correia, para inaugurá-lo em um ano e quatro meses (*Dois dedos de prosa a porta do avião*, *A Tarde*, 11 de agosto de 1947:5.) à frustração nitidamente exposta na sua última crônica da série (*Estadio para a Bahia*, *A Tarde*, 29 de março de 1949:12.) com o apontar de falhas que levaram àquela situação.

Neste artigo é investigada a importância da crônica de Roschild Moreira para o entendimento do fracasso no processo de modernização do Campo da Graça com a culminância no dia da comemoração do Quarto Centenário de fundação de Salvador em que se aproveita para analisar o contexto da política baiana a partir do desenvolver do governo Octávio Mangabeira, que foi parte preponderante para se acreditar na construção de um estádio nos padrões de modernidade que à época se apresentava para a prática esportiva na capital baiana.

PARTE 1

Antônio Cândido, em texto que serve como referencial para se analisar a crônica e a atuação desse gênero literário no Brasil, não nos anima muito no início do seu ensaio quando afirma que esta narrativa histórica “não é um ‘gênero maior’ [...] não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, [com] o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse” (CÂNDIDO, 2003:89), taxando a forma de narrar que ele próprio se dedicou parecer mesmo um gênero menos relevante. E essa característica,

acreditem, é comemorada por Antônio Cândido. Corroboro com o seu argumento de acreditar que por ser marcada como um gênero literário menos importante, a crônica acaba por ficar mais perto de nós, do cotidiano e construindo uma maior intimidade, mais ao “rés-do-chão” como o próprio Autor define. “Ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade de todo o dia. [...] elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza” (Ibidem).

A sua humanização se efetiva por ser, como aponta MARONEZE (2014), uma maneira de favorecer o vivido, o tempo vivido que se sente intensamente pelo transitar pelas ruas de um espaço urbano, observando, tocando, provando os sabores que lhe envolvem na sua ação andarilha. Aguça-se os sentidos de percepção que são traduzidos na produção do texto que segue não o tempo do relógio, mas o tempo do ocorrido que é instantâneo e muitas vezes passional como também, intencional.

SILVA (2014) desenvolve mais análises sobre os aspectos apontados acima onde afirma que a função de cronista em um jornal não era realizada apenas por um profissional com capacidade de escrita destacada, mas sim por um popular que sabia viver a rua, sabia fazer a leitura dos mo(vi)mentos sociais, sabia coletar frutos da cotidianidade e que assim, extrairia material para a produção da sua escrita a ser lançada no jornal “sendo o mediador entre a sociedade e a cultura, criando hábitos e suscitando debates [...] possibilidade de mergulhar na antropologia urbana [...] se alimenta[ndo] do cotidiano, sem a intenção de perseguir a verdade” (Ibid:56).

Entendemos a não intenção de ir atrás da ‘verdade’ como um aspecto da escrita do cronista/jornalista onde este expõe em suas palavras como ele recorda os fatos narrados sem necessariamente ali se ter a veracidade que se exige de um cientista, no caso específico, do historiador. Os profissionais que escrevem em jornais se caracterizam pela “mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso” (RODRIGUES apud LUCA, 2015:116). Como defendeu na crônica *A função do reporter*, Roschild Moreira vê o jornalista como um “indivíduo invejado [...] porque precisa criticar – quando tem ‘carta branca’” (A Tarde, 14 de fevereiro de 1948:7). E com essa ‘liberdade’ para se fazer julgamento de situações, o repórter jornalístico adquire um poder cobiçado por muitos.

Dentro do discurso produzido pelo jornalista pode residir no processo de criação do cronista possíveis intenções particulares, construção de posicionamentos capazes de notadamente buscar influenciar o público-leitor a se comportar e raciocinar a partir do pensamento crítico do escritor na construção desse imaginário.

A crônica é um documento vivo, oriundo das lembranças, captando fatos dos mais diversos que, por vezes, entraram em contradição com a história oficial, contrariando os interesses políticos e ideológicos de uma época. Assim, história e crônica se interligam, percorrendo caminhos da memória ao ouvir e conviver com diversas vozes, dos mais diferentes grupos sociais presentes na cidade. (SILVA, 2014:59)

Os caminhos percorridos para a construção de uma memória coletiva de um determinado fato social é papel tanto do historiador quanto do cronista/jornalista onde cada um seleciona aspectos captados em suas fontes de análise, interpretando as memórias do cotidiano e construindo uma memória social, a partir do seu olhar e do que considera como ideal de coletividade em sociedade (MONTEIRO apud Ibid).

O que vai estabelecer como diferença a função de cada profissional refere-se, no caso específico do historiador, ao seu olhar crítico sob os órgãos de imprensa (e para aqueles que trabalham para estes) não como meros transmissores isentos de conteúdo informativo e seguindo fielmente a concepção basilar de ‘informar’ o público-leitor. O historiador verifica como um jornal, por exemplo, apresenta capacidade de manipular a informação buscando atender aos seus interesses, ou de quem ele representa, enquanto estrutura político-social capaz de erguer e desmoronar impérios, carreiras, imagens ao longo de um período ou em um tempo específico (CAPELATO e PRADO apud LUCA, op.cit.:118).

E esse embate persiste quando se faz essa análise, como é o caso das crônicas de Roschild Moreira no periódico *A Tarde*, que não foge a essa regra já bastante discutida e observada do poder que a imprensa possui de manobrar, manejar para que o atendimento de seus reais interesses sejam mantidos e defendidos. Como pontua FERREIRA (2002:55), “os meios de comunicação exercem na sociedade o papel de legitimação de interesses e de estruturas sociais específicas, convertendo-se em instrumentos de direção política, através da inculcação de valores e crenças, que preparam um imaginário coletivo receptivo a este direcionamento”.

PARTE 2

O período de análise das crônicas de Roschild Moreira no jornal *A Tarde* refere-se a uma boa parte da gestão Octávio Mangabeira², primeiro governador da Bahia eleito após a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, em que militava pela UDN³. A tendência política da sua administração não fugiria à orientação que caracterizava a do seu partido: “liberal, anticomunista e ocidental” (LIMA, 2009:41).

Salvador possuía dois grandes jornais à época que bipolarizavam a opinião pública da cidade em torno dos seus interesses políticos. O *Diário de Notícias*, jornal participante do então conglomerado de comunicações Diários Associados e que seguia ideais e diretrizes muito semelhantes às quais compactuava o partido de Mangabeira fazendo com que na Bahia, a recém-criada UDN em 1945 e os Diários Associados (dono do *Diário de Notícias* desde 1943) estabelecessem uma importante parceria política a partir do fim do Estado Novo.

Já *A Tarde* era um periódico pertencente a Ernesto Simões Filho, jornalista e político experimentado na conjuntura política baiana desde o início do século XX. Na primeira eleição presidencial pós-Estado Novo, Simões Filho passou a apoiar o general Eurico Gaspar Dutra do PSD⁴ no pleito federal devido à ligação política do militar com um antigo aliado seu, Octávio Mangabeira, que era uma das lideranças mais destacadas da recém-fundada UDN (MORAES, 1997).

Interessante notar naquele contexto político que: 1) no plano nacional, a UDN rivalizava tanto com o PSD quanto com o PTB⁵; 2) já nas unidades da federação essas disputas se mantinham a depender dos interesses, acordos e laços políticos que as lideranças nos estados possuíam; 3) No caso específico da Bahia, apesar de durante a segunda metade da década de 1940 Ernesto Simões Filho e Octávio Mangabeira estarem politicamente em lados opostos, ambos eram aliados históricos desde o início de suas

² Octávio Mangabeira foi governador do Estado da Bahia entre abril de 1947 a janeiro de 1951.

³ União Democrática Nacional, partido conservador criado com o fim do Estado Novo em 1945 e que se destacava pela ferrenha oposição ao getulismo.

⁴ Partido Social Democrático, caracterizado por ser um partido centrista ligado a classe média e ao empresariado, sendo uma das bases de sustentação política do getulismo após o fim do Estado Novo.

⁵ Partido Trabalhista Brasileiro, criado em 1945 para ser a principal base de apoio a Getúlio Vargas tendo sua estrutura de eleitores assentados no operariado urbano.

vidas públicas⁶; 4) as disputas políticas geralmente eram agravadas e permaneciam assim quando partiam para querelas pessoais, como é o caso da rivalidade entre o mandatário d'A *Tarde* com um dos principais caciques da UDN na Bahia, o ex-interventor Juracy Magalhães⁷.

Diante de todo esse cenário apresentado, a produção literária de Roschild Moreira n'A *Tarde*, no período analisado⁸, foi envolvida por essa conjuntura política que contribuiria para a construção do imaginário desenvolvido pela escrita do cronista. No caso específico do imbróglio envolvendo a modernização do Campo da Graça, Moreira seguiu uma postura de pressionar o governo estadual, mas sem uma virulência que muitas vezes reveste o discurso opinativo de veículos de informação a depender dos interesses em jogo e, por todo o período analisado se preservar a figura do presidente da Federação Bahiana de Desportos Terrestres (FBDT), responsável principal pela modernização da praça esportiva, Raimundo Correia.

Dentre as funções sociais dos meios de comunicação destaca-se a atribuição de status a pessoas, organizações e movimentos sociais conferindo-lhes prestígio. Esta função básica encontra-se no âmbito da ação legitimadora de políticas, pessoas e grupos, relacionando-se ao uso efetivo da propaganda com objetivos sociais. (FERREIRA, op.cit.)

E o jornal *A Tarde* se encaixa historicamente dentro dessa perspectiva de conferir prestígio àqueles que lhe interessam designar notoriedade em um determinado momento. Analisando trabalhos sobre o periódico desde a sua fundação em 1912 até próximo ao período destacado nesse artigo, refletimos sobre a postura política adotada pelo veículo de comunicação de Ernesto Simões Filho.

O jornalismo na Bahia não executou uma transição rápida no que se refere à modernização que suas funções passariam a ter quando da implementação do regime republicano no Brasil no final do século XIX. Um dos pilares do novo sistema político

⁶ Simões Filho e Mangabeira trabalharam juntos na redação da *Gazeta do Povo* no início do século XX (MORAES, 1997). Foram contrários à interventoria de Juracy Magalhães iniciada em 1931 (COSTA, op.cit.)

⁷ Ernesto Simões Filho foi um dos mais ferrenhos opositores de Juracy Magalhães desde o início da sua interventoria em 1931 na Bahia. As suas duras críticas ao interventor nas páginas d'A *Tarde* no auge da repressão do juracismo levaram supostamente a um espancamento do jornalista que quase o levou a morte em 1934 (LIMA, op.cit.).

⁸ De agosto de 1947 a março de 1949. Nesse período, 27 crônicas de Moreira foram selecionadas por se adequarem ao estudo do tema da modernização do Campo da Graça.

tratava de se fazer uma democracia representativa, com os meios de comunicação tendo a função de fiscalizar o poder público e serem os porta-vozes dos anseios da sociedade. Porém, como o regime republicano postergou a ser aceito pelos chefes políticos do estado, esse ideal de democracia representativa não foi colocado em prática. Ao invés de ser um emissário dos desejos da sociedade, a imprensa na Bahia se dedicava a formar, instruir, orientar a opinião do público-leitor onde esse discurso era repassado, passando também a ser reproduzido pelas classes sociais de menor instrução e o jornal *A Tarde* cumpria bem esse papel (SPANNEMBERG, 2009).

Em outro estudo referente ao discurso político seguido pelo mesmo jornal mas já na década de 1930, é apresentada uma tendência política norteada para o liberalismo (tal como apontava o governo de Mangabeira) onde a defesa da democracia atrelada ao espírito cívico, uma das bases do regime republicano, traria força e soberania à vontade popular produzindo a tão almejada igualdade civil. Esses ideais, na verdade, serviam realmente para a construção de um discurso demagógico, onde essa sociedade mais justa teria como alicerces para se apoiar a manutenção da desigualdade social e o controle sociopolítico do pensamento das massas pela pequena elite, algo tão recorrente na história brasileira (FERREIRA, op.cit.).

Era essa a estrutura liberal, de uma democracia excludente, com grande jogo de interesses que pautava o direcionamento político da linha editorial do jornal *A Tarde* no período analisado e que ajuda a elaborarmos nossa percepção sobre, de que maneira o periódico compreendia a chegada de Octávio Mangabeira ao governo baiano a partir da abordagem feita pelo cronista Roschild Moreira no desenvolvimento do enredo sobre “o caso do Estádio”.

PARTE 3

Em abril de 1947, Octávio Mangabeira assumiu o governo estadual baiano e menos de um mês depois o mandatário já se alinhava ao então prefeito de Salvador Araújo Pinho, anunciando ajuda moral e financeira ao projeto de modernização do desgastado Campo da Graça. No jornal *A Tarde* o presidente da FBDT comemorava a colaboração dos principais gestores da Bahia para a modernização da praça esportiva

com previsão de entrega à sociedade para dezembro de 1948 (ELIOMAR FILHO, 2016.).

O que era uma promessa passou a ser um compromisso com a morte de dois torcedores no local em junho de 1947, reflexo do acanhamento e precariedade que dominavam a paisagem, exigindo principalmente do governo estadual uma resposta rápida à sociedade: modernização da praça esportiva que logo ganhou a alcunha de ‘Estádio da Bahia’ com o lançamento da pedra fundamental na principal data simbólica do calendário baiano, o 2 de julho (Ibidem).

Um mês depois do fincar da pedra fundamental, Moreira demonstrava na crônica *Dois dedos de prosa a porta do avião* uma enorme empolgação com o futuro próximo de benesses que a sociedade baiana iria desfrutar com a construção do Estádio na Graça. Roschild estava prestes a embarcar para o Rio de Janeiro, mas antes teve tempo de escrever sua primeira crônica sobre a obra que viria a ser construída, já apontando dois dos vários problemas que a construção iria enfrentar durante todo o período: sinalizava que a ajuda governamental não poderia ficar apenas no cravar do rochedo nas comemorações da Independência da Bahia e que era necessária uma solução rápida para o caso dos dois palacetes que residiam no fundo do terreno do campo, e que eram indispensáveis a aquisição daquele espaço para a instalação do novo empreendimento (A Tarde, 11 de agosto de 1947, op. cit.).

Porém, um mês depois, quando retornava de viagem Moreira traduziu no título de uma crônica o sentimento que já lhe tomava: *Decepção*. O mesmo conta em sua coluna que nesse ínterim longe de Salvador, divulgou o projeto de construção do estádio nos lugares em que esteve recebendo homenagens em nome da FBDT e do povo baiano, além de apontar Raimundo Correia como o nome capaz de empreender essa obra “graças ao seu tino e coragem”. No entanto, o sentimento apontado linhas atrás tomou conta das suas palavras. Cruzando os céus de Salvador em diagonal, o avião que trazia o cronista de volta nada mostrava de novo aos seus olhos grudados na janela do aeroplano. “[...] nada poderia ver. No máximo pude localizar...a primeira pedra lançada com as festividades de praxe, no dia dois de julho [...]. Nada mais. Nem mesmo a desapropriação dos dois terrenos – o que já seria; de qualquer sorte, meio caminho andado” (A Tarde, 13 de setembro de 1947:7).

Até o fim de 1947, Moreira demonstrou nas suas crônicas direcionadas à obra na Graça a sua função privilegiada de repórter com bons contatos tanto dentro da FBDT quanto do Palácio da Aclamação, sede do governo baiano à época. Transmitia em outubro a informação de que esteve presente em um encontro entre Mangabeira e Correia onde o governante garantia a verba para o início da empreitada (*O Estádio e São Tomé, a torcedora do primeiro clássico*, A Tarde, 22 de outubro de 1947:5)⁹ e em dezembro Roschild contava ao leitor que “sem se despedir ao menos dos seus bons amigos, que são os desportistas bahianos”, Raimundo Correia tinha sido convocado pelo governador a comparecer ao Rio de Janeiro para acertar os detalhes finais junto à Caixa Econômica Federal do empréstimo, agora de 25 milhões cruzeiros, para o Campo virar Estádio (*Dinheiro e o voto dos desportistas*, A Tarde, 6 de dezembro de 1947:9).

Mesmo com notícias positivas, o cronista fechou o ano não acreditando que de fato se confirmasse as tratativas para a obra, já com quase seis meses de atraso, serem enfim atacadas no bairro nobre de Salvador. Como um comentarista do cotidiano e utilizando do seu espaço de página na parte dedicada aos esportes no importante periódico soteropolitano, Moreira dialogava com o leitor dando-lhes argumentos para não confiar em mais aquela promessa da elite política baiana.

Na reunião de outubro entre o governador e o presidente da FBDT presenciada pelo cronista, ele confidenciava ao leitor: “confesso que fiquei satisfeito com interesse demonstrado pelo chefe do executivo baiano. Entretanto, [...] digo aos leitores que, [...] continuo fiel ao meu ponto de vista anterior [...] pode ser que, em futuro, surja o Estádio da Graça, porém para o 4º centenário, nunca”(A Tarde, 22 de outubro de 1947, op. cit.)¹⁰. Causou desconfiança quando no início de novembro em decreto, o governador doou terrenos nas imediações do Campo da Graça à FBDT, responsável pela modernização, com uma cláusula que deixou Roschild atento: “o governo tomaria de volta os ditos terrenos, caso em dezembro de 1949, as obras de ampliação do “Estádio da Graça” não estivessem adiantadas” (*O Estádio Bahiano e o Estádio da Bahia*, A Tarde, 5 de novembro de 1947:5). Eternizado pela frase de que “pense em um absurdo. Na Bahia já aconteceu” (COSTA, op. cit.:268), Octávio Mangabeira temia (ou também

⁹ Na conversa, Mangabeira garantia um financiamento de 15 milhões de cruzeiros para a obra.

¹⁰ O “4º centenário” a que se refere Roschild Moreira na crônica era o aniversário de quatrocentos anos que Salvador comemoraria em 29 de março de 1949.

desconfiava, como Moreira) que as obras não saíam do lugar e demonstrando grande astúcia política impôs essa condição, percebida por Roschild que a registrou em uma crônica:

“[...] o governo acredita, contra o meu humilde porém prático ponto-de-vista, de que teremos o “Estádio do 4º Centenário”. Entretanto – notem bem – entretanto, toma providências afim de que, caso algum sabotador das aspirações populares consiga torpedear o referido estádio, que não acabe abocanhando também, os terrenos doados pelo governo.” (A Tarde, 5 de novembro de 1947, op.cit.)

Como quem explica e faz sua reflexão para um séquito de ouvintes em torno de si, Roschild expõe a posição dúbia do governo baiano que, por um lado, precisava dar uma resposta ao clamor popular de ver uma grande obra sendo erguida na cidade para usufruto público, mas que desconfiava da capacidade da Federação Bahiana de Desportos Terrestres, entidade privada, em angariar recursos para dar prosseguimento à obra.

Desde o início do seu governo quando questionado sobre a obra na Graça, Octávio Mangabeira gostava de ressaltar que o estado iria auxiliar, ajudar a construção do “Estádio da Bahia”, esta sobre responsabilidade da FBDT. O equipamento esportivo público a qual o seu governo ficaria marcado era a obra nas encostas do Jardim Baiano, num espaço conhecido como Fonte Nova. Provavelmente, um considerável investimento público em um empreendimento privado não seria visto com bons olhos pelos seus opositores. Talvez por isso certa ressalva à modernização no Campo da Graça.

PARTE 3

E em 1948, as desconfianças do cronista só tendiam a ampliar devido ao correr do tempo em direção ao prazo dado para finalização da obra e entrega à sociedade baiana do equipamento esportivo.

Após disputa acirrada nos dois primeiros meses do ano para o pleito eleitoral da presidência da FBDT, em que Moreira indicava apoio irrestrito ao então mandatário Raimundo Correia¹¹ (vencedor da eleição), Roschild pediu em *Armas Ensarilhadas* que com o fim da votação, as diferenças políticas fossem colocadas ao solo da mesma forma

¹¹ “O sr. Raimundo Corrêa dispõe, até o momento, credito de 100% na pagina de esportes da ‘A TARDE’” A Tarde, 24 de janeiro de 1948, p.7.

que as munições são rendidas ao fim de uma guerra, em prol de algo mais louvável que era a construção na Graça. Algo novo surgia nessa ‘novela’ referente a uma campanha pró-estádio para alavancar de vez a obra e modernizar o então principal palco esportivo da Bahia. Em reunião do conselho arbitral da Federação após as eleições, foram criadas duas campanhas: uma de inserção de um selo a ser pago junto com o ingresso para assistir partidas no Campo da Graça e a outra era o incentivo à doação de cimento para alavancar a obra (ELIOMAR FILHO, op.cit.).

Em duas crônicas de março de 1948, Moreira informava que tinha ido ao Rio de Janeiro e a São Paulo para divulgar a mobilização em torno da arrecadação de verba para os mantimentos necessários no continuar da obra com, de acordo com o cronista, relativo sucesso no centro financeiro do país em ajudar os desportistas baianos (A Tarde, 5 e 6 de março de 1948, p. 5). Porém, Roschild Moreira apontava que essas colaborações de nada surtiriam efeito se não houvesse uma forte injeção financeira através de um empréstimo bancário e, de acordo com o cronista, só o governador Octávio Mangabeira teria a capacidade de avalizar a vultuosa quantia necessária.

Em outras duas crônicas também do mesmo mês de março de 1948, o cronista pressionava e expunha publicamente Mangabeira quando afirmava que “construir o Estádio [...] depende unica e excusivamente do governador da Bahia. [...] somente o socorro federal poderá resolver a situação [...] e pessoa alguma terá mais direito e capacidade de exigir esse dinheiro do presidente Dutra – senão o nosso governador” (*Evidencia do esporte bahiano*, A Tarde, 9 de março de 1948:5). Moreira chama atenção na crônica “Fatos e considerações” quando afirmava que “meus presados leitores sabem tão bem quanto eu, que o nosso governador tem a sua palavra empenhada: o estádio estará pronto em 1949. Acontece, [...] que hoje a folhinha marca: 22 de março de 1948. E o estádio está emperrado, por falta de dinheiro” (A Tarde, 22 de março de 1948:9).

No começo de abril de 1948 ao completar um ano de mandato, Octávio Mangabeira concedeu uma longa entrevista ao jornal de Ernesto Simões Filho onde um dos assuntos tratados foi sobre o ‘Estádio da Bahia’. E o governador seguia na mesma toada do dia do lançamento da pedra fundamental quase um ano antes, quando explanou

que a obra da Graça era de responsabilidade da FBDT, onde o governo estadual entraria com o apoio oficial (A Tarde, 8 de abril de 1948: 6).

Como numa conversa pelas páginas do jornal, respondendo às críticas feitas nas crônicas do mês anterior, Mangabeira explicava a(o) público/Moreira que por não ser uma obra que a iniciativa partia do governo estadual o máximo a ser feito era uma ajuda para que a construção ocorresse. Essa ‘ajuda’, por exemplo já tinha ocorrido com a doação de terrenos em volta do Campo da Graça no ano anterior, na intermediação do Estado junto à Caixa Econômica Federal para o empréstimo da quantia necessária para o início da construção. Mas o comprometimento principal com o empreendimento, Mangabeira repassava a Raimundo Correia, presidente da FBDT, que como já ressaltamos era poupado de críticas por Roschild Moreira (ELIOMAR FILHO, op.cit.).

Coincidência ou não, depois dessa entrevista exclusiva n’A Tarde, Roschild Moreira se silenciou sobre o tema ‘modernização do Campo da Graça’ por cerca de cinco meses. No início de agosto de 1948 o cronista escreveu *Tudo vai bem, mas...*, em que relatava o convite feito por Raimundo Correia para que fossem juntos à Graça espiar o andamento das obras bancadas até ali pela própria Federação e Moreira se disse impressionado com o que já havia sido feito, mesmo com verba tão restrita aplicada pela instituição. Correia convidara o cronista para lhe informar que o empréstimo avalizado pelo governador na então Capital Federal em dezembro do ano anterior, agora dependiam do aceno positivo do ministro da Educação do governo Dutra, o político baiano do PSD Clemente Mariani. A notícia que poderia fazer explodir de emoção o coração do cronista, ainda o mantinha descrente e o mesmo apontava o porquê: “Primeiro, porque o dinheiro não veio. Segundo, porque ha muita gente disposta a atrapalhar” (*Tudo vai bem, mas...*, A Tarde, 3 de agosto de 1948:7). E de fato, o périplo de um estádio para a Bahia prosseguia sem uma previsão de final feliz.

Como já citado no início desse artigo, a crônica que fazia referência a essa situação de modernização do Campo da Graça como uma longa história em série, Moreira apontava uma breve sinopse do que até aquele presente momento se tinha de cenário:

“O governador do Estado tendo prometido trazer o dinheiro para a construção do Estadio, desde o dia 2 de julho do ano de 1947, está preocupado porque ainda não chegou o vil metal. O presidente da República, ao que se supõe,

não acredita que a FBDT pague o empréstimo solicitado e, porisso, vai cozinhando em agua fria o processo da entidade máxima da Bahia [...]. Porisso é que o governador, ao que se fala em círculos que se dizem bem informados, determinou que uma comissão se encarregasse das obras do Estádio e não a F.B.D.T. sozinha, como vinha sendo feito. [...] a construção do Estadio ficaria sob a fiscalização de três elementos – presidente da mentora [FBDT], o representante do Conselho Regional de Esportes e um representante do governo bahiano.” (A Tarde, 15 de setembro de 1948, op.cit.)

Nesse breve resumo, o cronista explicava o início do processo de tentativa de modernização, o jogo político que envolvia o governador da Bahia, o presidente Dutra e o pedido de empréstimo em nome da Federação que já se arrastava há alguns meses na Capital Federal. Com informações nos bastidores da política baiana, Moreira informava a saída final por parte da governadoria para resolver a questão do Campo da Graça: determinava a criação de uma comissão envolvendo a trinca FBDT – Governo Estadual – Conselho de Esportes. Porém, nenhuma resolução foi tomada e a comissão não saiu do papel.

Faltando menos de dois meses para o prazo estipulado de entrega do estádio modernizado, a descrença de Roschild Moreira só se confirmava, como ficou claro em crônica do fim de outubro. Nela, ele se comunicava com os leitores escrevendo que “estamos vendo findar o mês de outubro. [...] Portanto já se divisa, bem perto, o pórtico do ano do IV Centenario. Assim, nada mal há se eu repetir, mais uma vez aquela afirmação [...]: Estadio da Graça para 1949...esperem. [...] que ficarão cansados e...arrependidos.” (*O Estadio do IV centenario*, A Tarde, 26 de outubro de 1948:5).

A última esperança apontada era a da chegada do presidente da República Eurico Gaspar Dutra à Bahia em novembro. Na crônica *Obrigado, General!*, Roschild já antecipava os agradecimentos do povo baiano caso sinalizasse positivamente pelo empréstimo que tanto Moreira clamava (“Decidindo o empréstimo [...] retribuiremos a essa atitude do presidente, creditando-lhe maior estima, simpatia e confiança”), acreditando ele que ainda daria tempo do Estádio ficar pronto para as festividades do IV Centenário da fundação de Salvador em março do ano que viria (“[...] poderá o novo campo da Graça, com acomodações para 40 mil pessoas, ficar pronto ainda a tempo de ser útil às festividades [...]”)(*Obrigado, General!*, A Tarde, 4 de novembro de 1948:5).

Mas de nada adiantou a visita do então presidente da República à Bahia, no que se refere ao desejo de que o empréstimo fosse concedido. Apesar da sua narrativa

explicativa aos leitores nas suas crônicas em quase dois anos tratando sobre o assunto, Roschild Moreira chegava à data estipulada para a finalização da obra na Graça sem mais crer no sucesso da empreitada e, naturalmente, isso ficaria exposto nas suas últimas escritas sobre o tema até a data do Quarto Centenário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nunca acreditei no Estádio da Graça para o quarto centenário, mesmo quando vozes poderosas proclamavam pelos quatro cantos da cidade, do Estado e do país a realização da obra” (*Abaixo o selo!*, *A Tarde*, 22 de dezembro de 1948:5).

Não era verdade que o cronista *d'A Tarde* jamais fiou na modernização do acanhado Campo. Em vinte meses de análise das colunas de Moreira no periódico pudemos acompanhar o quão ele se dedicou à causa buscando trazer novos fatos ao público-leitor sobre a ‘série’ (criada pelo próprio) intitulada “O caso do Estádio”. Ele mesmo era uma voz possante no cenário esportivo devido ao canal de comunicação que possuía não só na Bahia mas também nos principais centros do país, como relatado em algumas crônicas, sendo recebido por importantes personalidades no Rio de Janeiro e em São Paulo nesse período.

O que constatamos é uma grande decepção e tristeza por parte do cronista, como ficou exposto em coluna publicada no dia do Quarto Centenário da fundação da capital baiana onde o mesmo culpava o pouco esforço das lideranças políticas em todas as esferas em colaborar para o sonho de se ter em Salvador uma praça esportiva condizente com o que já se apresentava nas principais cidades brasileiras naquele final da década de 1940.

O cronista não expõe claramente em suas crônicas, mas o medo do ‘enigma baiano’ rondava o seu discurso quando se avistava o fracasso de Salvador não alcançar o sonho de se aproximar do que de mais moderno estava acontecendo no país, no que diz respeito à construção de novas praças esportivas. O enigma baiano era um sentimento de inferioridade que tomava conta da população local referente a uma perda de prestígio político e econômico que a Bahia passou a ter a partir de meados do século XIX, afetando o seu desenvolvimento no período republicano (ELIOMAR FILHO, op.cit.).

Octávio Mangabeira era um ferrenho crítico a essa condição que a Bahia enfrentava, onde de certa forma, a sua postura de buscar impulsionar grandes obras ao estado estava ligado a esse sentimento incômodo. Porém, o próprio preferiu aumentar mais ainda essa condição de subalternidade no que se refere a investimentos no campo esportivo quando, apesar de declarar apoio à obra na Graça, pouco fez para que ela de fato se concretizasse.

A história mostra que o governador é louvado e apontado como o ‘fazedor das grandes obras’, onde o Estádio da Fonte Nova foi um dos seus legados, homenageado até mesmo com seu nome na construção que veio abaixo em 2010. Porém, buscamos em nossos estudos desmitificar e indicar um outro olhar no papel de Octávio Mangabeira no processo de construção da antiga Fonte Nova, mas também em outra história menos conhecida: a sua participação no decretar da morte do Campo da Graça no final da década de 1940. Dessa vez, a partir das crônicas de Roschild Moreira.

LISTA DE FONTES

Impresso

A Tarde – agosto de 1947 a março de 1949.

Referências

ARANHA, Gervácio Batista. **Retratos urbanos no Brasil**: a crônica como fonte histórica. In: ANPUH – Anais do XXV Simpósio Nacional de História, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0472.pdf>>.

CÂNDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão**. In: Para gostar de ler: crônicas. São Paulo: Ática, v. 5, pp. 89-99, 2003.

COSTA, Paulo Sgundo. **Octávio Mangabeira**: democrata Irredutível. Press Color: Salvador, 1 ed., 2008.

ELIOMAR FILHO, José. **Memórias da Fonte Nova**: a construção e a inauguração em 1951 sob o olhar de jornais da época. In: Revista Eletrônica Discente História.com. UFRB, Cachoeira, v. 2, p. 38-49. 2014.

_____. **O Campo da Graça vai virar ‘Estádio da Bahia’?** Tentativas de modernização e fracasso na construção da praça esportiva da Graça em Salvador no final da década de 1940. In: ENECULT - Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, UFBA, Salvador. Anais do XII ENECULT 2016, 2016. v. 1. Disponível em: <http://www.xiienecult.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_download.asp?nome=77672.pdf>.

FERREIRA, Maria do Socorro Soares. **A Tarde e a construção dos sentidos:** ideologia e política (1928-1931). Dissertação de Mestrado em História, UFBA. Salvador, junho 2002.

LIMA, Aruã Silva de. **Uma democracia contra o povo:** Juracy Magalhães, Octávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927-1946). Dissertação de Mestrado em História, UEFS. Feira de Santana, 2009.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 3 ed., 2ª reimpressão, 2015 (2005).

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **A crônica e o fazer histórico na crise da modernidade:** reflexões e possibilidades. In: Estudos Historicos. CDHRPyB, Uruguai, ano VI, n. 12, Julho 2014.

MORAES, Walfrido. **Simões Filho:** o jornalista de combate o tribuno das multidões. Salvador: Intermix, 1997.

SILVA, Raimundo Dalvo da Costa – **Jehová de Carvalho:** o cronista (de) Salvador (1940-1980). Tese de doutoramento em Teorias da Literatura, PUCRS, Porto Alegre, 2014. 188 f.

SPANNEMBERG, Ana Cristina. **Jornalismo em campanha:** os diários soteropolitanos da sucessão governamental de 1919. In: Anais Eletrônico do 7º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Fortaleza: 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/>>

